ISSN 2447-9357

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL DE ALUNOS SURDOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ANÁPOLIS: UM ESTUDO DE CASO

Gleice Divina Lemes de Freitas[1]

Elson M. da Silva[2]

Pedagoga pela UEG, Campus Anápolis de CSEH. [1]
Doutor em Educação, Docente da UEG [2]

Resumo: A presente investigação é de cunho qualitativo, utilizou-se de estudos teóricos e empíricos e teve como objetivo analisar os benefícios proporcionados aos alunos surdos durante o desenvolvimento das suas práticas de letramento digital bem como os desafios que enfrentam também nas suas práticas de letramento digital. Foi guiado pela problemática: - Quais são os benefícios que os alunos surdos entendem que as suas práticas de letramento digital proporcionam: E, em relação aos desafios, quais são os que enfrentam nas suas práticas de letramento digital? Concluímos que as práticas de letramento dos sujeitos investigados se desenvolvem num espaço de contradição onde coexistem tanto benefícios quanto desafios. em português.". Para a superação desta contradição, entende- se que devem ser intensificadas as políticas de letramento digital no Brasil, principalmente em dois aspectos: a) capacitação de todos os seguimentos da sociedade ligados, direta e indiretamente, à questão da população surda; b) maior investimento no setor de produção de tecnologias digitais, inclusive em softwares em libras.

Palavras-chave: Letramento digital; surdos, escola.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é de cunho qualitativo e teve como objetivo analisar as possibilidades e os desafios que alunos surdos enfrentam no que tange ao desenvolvimento das suas práticas de letramento digital, sendo guiado pela seguinte questão: - Quais são os desafios que os alunos surdos enfrentam no que tange as suas práticas de letramento digital? E as possibilidades? Essa investigação é considerada relevante por pelo menos dois motivos: a) porque contribuirá com a literatura pertinente à temática "práticas de letramento digital de pessoas surdas", especialmente no sentido de reforçar a tese da necessidade de conceber essa população na perspectiva da inclusão digital; b) por ser considerado um campo fértil para a investigação que possibilitará reflexões sobre o letramento digital do ponto de vista da cidadania.

Partimos do pressuposto inicial que as práticas de letramento digital desenvolvidas por pessoas surdas podem possibilitar mudanças significativas no cotidiano desta população que ainda necessita de atenção por parte das políticas públicas. É preciso analisar e compreender como os alunos surdos desenvolvem as suas práticas de letramento digital por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação. Por exemplo, quando as pessoas surdas utilizam diversas tecnologias, tais como: a) manusear caixa eletrônico, fazer usos de aplicativos via celular e computadores; c) assistir televisão etc. Realizar um perfil sobre as características dos

ISSN 2447-9357

alunos surdos e sua relação com as tecnologias digitais é de grande importância, pois, por meio disso que foi analisado se este aluno surdo tem utilizado as práticas de letramento digital tão utilizada pela "maioria das pessoas". Se o perfil desse surdo atende as necessidades de estar "ligado no mundo digital". É de grande importância verificar se na visão dos alunos surdos a escola incentiva o desenvolvimento de práticas de letramento digital.

Ainda que suas discussões não estejam voltadas especificamente para como as pessoas surdas desenvolvem suas práticas de letramento digital via internet, Toschi; Freitas (2015) entendem que:

> A ferramenta da Internet tem feito com que os conhecimentos avancem, mas devemos nos preocupar também sobre qual maneira as pessoas têm utilizado a rede, ou se ela tem beneficiado, de alguma forma, o crescimento intelectual das pessoas. (TOSCHI; FREITAS, 2015. p.4)

A literatura, que discute sobre tecnologias digitais, nos mostra que o uso da internet tem trazido benefícios ao cotidiano de algumas pessoas. Entretanto, é necessário saber também se as pessoas surdas estão tendo acesso à internet e se estão tendo esse acesso como estão desenvolvendo suas práticas de letramento digitais na rede. Esperamos que a realização do presente estudo contribua com a literatura que trata sobre a temática "práticas de letramento digital e alunos surdos", revelando os entraves e as perspectivas, deste segmento da sociedade, ainda marginalizado, do ponto de vista social e educacional.

LETRAMENTO DIGITAL E PESSOAS SURDAS: QUESTÕES TEÓRICAS INICIAIS

Diante da presença constante das tecnologias digitais na sociedade, Silva (2013) ressalta que atualmente tem crescido significativamente o número de pessoas que utilizam a internet. Segundo o autor:

> Na década de 1960, até os dias atuais, em função do desenvolvimento constante das tecnologias da informatização e comunicação de base informático-digital, as práticas de letramento digital têm sido ampliadas e complexificadas em decorrência, sobretudo, do surgimento e dos usos dos aparatos tecnológicos dessa natureza. Desse período, até os dias atuais, a internet passou a fazer parte do cotidiano da maioria da população mundial. (SILVA, 2013, p.115).

Toschi (2012) parece concordar com a posição de Silva (2013), em relação ao fato da presença das TIC na sociedade, e essa autora chega a afirmar que a quantidade de pessoas que acessam a internet chega a ser assustadora. Diante disto, torna-se bastante importante refletir se as "minorias", inclusive as pessoas surdas, também têm acompanhado os "avanços" tecnológicos ou se estão às margens deles.

Mas, qual é a relação entre desenvolvimento tecnológico baseado nas TIC e

ISSN 2447-9357

letramento digital? Silva (2013) entende que o desenvolvimento tecnológico baseado nas TIC tem demandado que as pessoas façam usos diversos das tecnologias informatizadas. Apoiado em Kenski (2007), o autor entende que, depois da oralidade e da escrita, a "digitalização" é considerada como a terceira linguagem, denominada linguagem digital. As práticas sociais decorrentes dos usos que as pessoas fazem das TIC é o que se denomina de práticas de letramento digital.

As práticas sociais, decorrentes dos usos que as pessoas fazem da linguagem digital mediada pelo computador e internet, é o que Soares (2002) e Coscarelli & Ribeiro (2005) denominam de práticas de letramento digital.

Para Soares (2002), o conceito de letramento, na "cultura" do papel, é considerado como "[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita [...]" (p. 47). Já no campo da "cultura digital", o termo letramento é reconceituado e passa a ser entendido como uma condição que caracteriza as pessoas que se apropriam da nova tecnologia digital e, com isto, exercem práticas de leitura e escrita na "tela" do computador.

Coscarelli & Ribeiro (2005, p.9), entendem o conceito de letramento mediado pelas "telemáticas" como "[...] a ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital". Tanto Soares (2002) quanto Coscarelli e Ribeiro (2005), entendem que as práticas de letramento digital surgem e se desenvolvem em decorrência dos usos e da presença das mídias digitais na sociedade contemporânea, incluindo o computador e a internet.

As pessoas, em geral, fazem usos da internet, portanto desenvolvem práticas de letramento digital, para realizar várias atividades, desde se conectar nas redes sociais até resolver problemas bancários, pagamentos de contas e fazer pesquisas no Google, sobre assuntos que antes eram destinados a um público específico. E isso nos possibilita também conhecer novas culturas. A internet tem possibilitado a produção e disseminação dos conhecimentos. Contudo, devemos nos preocupar também sobre de que maneira as pessoas têm utilizado as TIC e se estão se beneficiando de alguma forma para o seu crescimento intelectual e social.

Na perspectiva das pessoas surdas, parece-nos que as demandas em relação ao desenvolvimento das práticas de letramento digital, foco desta pesquisa, têm sido mais desafiadoras se comparadas às pessoas tidas como "normais". Becker (2008) argumenta que as tecnologias, de forma geral, podem tanto ser um caminho para se buscar a inclusão digital e o desenvolvimento da cidadania, como também pode ser a provocadora do que chamou de

ISSN 2447-9357

"apartheid digital", em que se agrega quem tem e quem não tem acesso às tecnologias.

Meneses (2013), ao discutir sobre a inclusão social e educacional do sujeito surdo por meio do Facebook, tem sinalizado reflexões no sentido de como as tecnologias digitais têm ajudado os jovens surdos, sobretudo em relação às possibilidades e potencialidades de aprendizagem da Língua Portuguesa pelo sujeito surdo. Recuero (2005) entende que, as transformações que ocorreram no campo da comunicação entre as pessoas, por meio da internet, podem proporcionar avanços, achamos que, inclusive, para pessoas surdas quando estas fazem usos das redes sociais. Foi uma das questões investigadas neste trabalho. Segundo a autora, esse tipo de investigação, que se insere dentro do estudo de conversação mediada pelo computador, não é considerado um estudo novo, pois já vem sendo pesquisado por outros teóricos há muito tempo.

De acordo com Heemann (1998), ainda que existam diversos tipos de usuários do aparato tecnológico, o autor tenta classificá-los em dois grandes grupos, sendo: os iniciantes e os especialistas. Os especialistas têm grande intimidade com os sistemas de informação e em operar a máquina. Os iniciantes sabem resolver problemas de necessidade básica.

Presnky (2001) também procura caracterizar os sujeitos no contexto da "era digital." De acordo com esse autor, em decorrência da chegada e disseminação das tecnologias digitais, é possível identificar, pelo menos, dois tipos de população altamente influenciada pelas tecnologias digitais. Na primeira, que o autor a denomina de imigrante digital, estão os que não nasceram no "mundo" digital, mas que, por algum motivo, passaram a fazer usos das tecnologias digitais. Estes, ainda que façam algum tipo de uso das tecnologias digitais, ainda mantêm o seu "sotaque", no "thatis, theirfoot in thepast" (PRESNKY, 2001, p.2). O "sotaque" dos imigrantes digitais pode ser percebido nos diversos modos como eles lidam com o computador e a internet, por exemplo, quando acessam a internet apenas para obtenção de informação e, ainda quando:

> […] printing out your email (or having your secretary print it out for you –aneven "thicker" accent); needing to print out a document written on the computer in orderto edit it (rather than just editing on the screen); and bringing people physically into your office to see an interesting web site (rather than just sending them the URL)(PRESNKY, 2001, p. 2).

A segunda população é caracterizada por Presnky (2001) como os nativos digitais e representa as primeiras gerações que nasceram e cresceram cercadas e fazendo usos diversos das tecnologias digitais, entre elas o computador, celulares, tocadores de músicas digitais e internet. Para o autor, como consequência deste ambiente social, marcado pelo grande volume de interação com as tecnologias digitais, os nativos digitais pensam e processam as

ISSN 2447-9357

informações bem diferentes das gerações anteriores e "[…] They like to parallel process and multi-task. […]", "[…] prefer random access (like hypertext).", e "[…] function best when networked." (PRESNKY, 2001, p. 2). Acrescenta, ainda, que os nativos digitais podem "[…] learn successfully while watching TV or listening to music" (PRESNKY, 2001, p.3).

As práticas de letramento digital, por meio das TiC, podem ser desenvolvidas contribuindo significativamente com as pessoas. Castells (1999) entende que na relação homem e computador, está cada vez estreita, e é possível fazer muitas coisas.

Em relação às pessoas surdas, Angulo e Albertin (2000), apresentam vários portais digitais onde é possível fazer negócios, lazer, cultura, propaganda e outros, entendendo que muitas pessoas utilizam da internet para fazer diversas coisas, desde se conectar para uma simples conversa a resolver problemas como pagar uma conta. Pensamos nos surdos, ou seja, que tipo de práticas eles têm utilizado na internet, Vieira e Pacheco também veem possibilidades das TIC quando acessadas por pessoas surdas. Segundo os autores:

> Em casos bem específicos, onde deficientes sensoriais impedem o uso normal dos sistemas, é possível considerar a construção de estruturas e programas capazes de habilitar os usuários deficientes a um uso permanente e proveitoso das técnicas que conduzem a informação desejada. (2004, p.2).

Segundo os autores, tem que haver um jeito para que os surdos também acessem a rede, com êxito. Para Vieira (2000), a informação hoje faz diferença na vida do homem. Por meio do mundo virtual, há trocas de conhecimentos, é possível até conhecer novas culturas e viajar sem sair do lugar. Os surdos mesmo com suas limitações também necessitam de ter possibilidades para acessar com qualidade. Não é justo a internet ser limitada para pessoas surdas, ou seja, servir apenas para fazer tarefas simples como entrar na internet para apenas acessar as redes sociais, pois este é um portal de conhecimento, de troca de informações.

Como mencionamos, a internet possibilita a comunicação, estreitando a relação entre as pessoas. Mas, e ao mesmo tempo, ela pode provocar exclusão, uma vez que nem todos têm acesso a ela. Sabendo que para ter acesso às redes sociais e a outros programas de computador, é preciso, antes de mais nada, possuir computador com acesso à internet. E nem sempre as pessoas possuem essas tecnologias, pois exige-se o pagamento de mensalidade e outros recursos financeiros. É neste sentido que Silva (2008 p.36) chama atenção que "apenas 23,8 das pessoas brasileiras possuem microcomputadores com acesso à internet em casa.".

De acordo com Silva (2011), as pessoas surdas são indivíduos com necessidades diferentes das tidas como "normais", visto que têm características particulares como, por exemplo, na forma de se comunicarem, pois em sua maioria utilizam-se da Língua Brasileira

ISSN 2447-9357

de Sinais (LIBRAS) para se comunicarem e tendem a explorar mais os aspectos visuais valorizando os vídeos e imagens.

A internet possibilita a comunicação, a relação entre as pessoas, mas ao mesmo tempo ela pode excluir, pois nem todos têm acesso a ela. Sabendo que para ter acesso às redes sociais é preciso possuir internet e nem sempre as pessoas possuem, pois é preciso pagar uma mensalidade, possuir um dispositivo e outros, Silva (2008, p. 36) coloca que, por meio de sua pesquisa, detectou que "apenas 23,8 das pessoas brasileiras possuem microcomputadores com acesso à Internet.".

Diante disso, é importante lembrar que nem sempre é fácil acessar as redes sociais, visto que é preciso que as pessoas dominem a maneira de manusear os computadores. Segundo Silva (2011), para ter inclusão social não basta somente saber manusear o computador, é preciso que as pessoas saibam acessar com qualidade. O mesmo autor afirma que "A prática plena da cidadania requer o uso adequado da informação, e para isso é necessário que esteja acessível às pessoas, independentemente de qualquer fator que limite esse acesso." Silva (2011, p.38).

METODOLOGIA

A realização desta pesquisa foi subsidiada por estudos bibliográficos e empíricos. Segundo Lima e Mioto (2007), a pesquisa bibliográfica possui uma sequência de fases a serem desenvolvidas: a) escolha do assunto a ser pesquisado, b) levantamento da bibliografia, c) análise das informações obtidas, d) o resultado da pesquisa. Portanto, utilizamos desses procedimentos, mas isso não significa que seguimos essa sequência, pois a pesquisa qualitativa permite que sejamos flexíveis. Ao optarmos pela pesquisa bibliográfica, entendemos que ela nos possibilita alcançar muitas informações a cerca de publicações que envolvem o fenômeno em estudo, ou seja, (surdos X letramento digital). Utilizamos como fonte de pesquisa: artigos científicos, teses, livros impressos e disponíveis na internet. O momento empírico da pesquisa foi desenvolvido em uma escola pública estadual da cidade de Anápolis-GO. Nesta escola, realizamos entrevista semiestruturada com alunos surdos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Para isto, contamos com o apoio do intérprete da escola, pois a pesquisadora não domina totalmente a Língua de Sinais (Libras). A escolha destas turmas, para a realização do trabalho empírico, deu-se por já termos conhecimento de que nelas frequentam alunos surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme mencionado no item "Metodologia" deste trabalho os sujeitos que compuseram o presente estudo foram cinco alunos-surdos, sendo um do gênero feminino e

ISSN 2447-9357

quatro do gênero masculino, de uma escola pública estadual, localizada nas proximidades da região central de Anápolis- GO. Esses alunos estudavam nos níveis Fundamental, segunda fase (02), e Médio (03) ambos da Educação Básica.

Todos os sujeitos da pesquisa disseram não exercer nenhuma profissão e recebem o auxílio do Governo Federal por meio da aposentadoria. Em relação ao grupo estudado, quatro disseram ter adquirido a surdez depois do nascimento e apenas um disse já ter nascido com essa deficiência auditiva. A faixa etária dos sujeitos do estudo variava de 15 a 21 anos.

Os dados revelam ainda que, apesar da deficiência auditiva, todos os entrevistados fazem usos diversos dos aparatos tecnológico-digitais, inclusive internet, sendo: que um faz usos do notebook; três de aparelhos celulares e um de notebook e celular. A análise deste último dado é considerada importante para nossa pesquisa uma vez que, e de acordo Presnky (2001), com a introdução da "era digital" começa-se a ser formada uma população denominada, por esse autor, de nativos digitais.

Para esse autor, os nativos digitais representam as primeiras gerações que nasceram e cresceram cercados e fazendo usos diversos das tecnologias digitais, entre elas o computador, celulares, tocadores de músicas digitais e *internet*. Para o autor, como consequência deste ambiente social, marcado pelo grande volume de interação com as tecnologias digitais, os nativos digitais pensam e processam as informações bem diferentes das gerações anteriores e "[…] *They like to parallel process and multi-task. […]", "[...] prefer random access (like hypertext).",* e *"[...] function best when networked*." (PRESNKY, 2001, p. 2). Acrescenta, ainda, que os nativos digitais podem "[…] *learn successfully while watching TV or listening to music"* (PRESNKY, 2001, p.3).

Heemann (1998), parece concordar com Presnky (2001) quando classifica os usuários dos aparatos tecnológicos em dois grandes grupos, sendo: os iniciantes e os especialistas. Os especialistas têm grande intimidade com os sistemas de informação e em operar a "máquina". Já os iniciantes sabem resolver problemas de necessidade básica.

Os alunos surdos, sujeitos deste estudo, à julgar pelas idades informadas e, também, pelo fato de fazerem usos dos aparatos tecnológicos de natureza digital, podem ser caracterizados como "nativos digitais", de acordo com a teoria elencada para guiar esse estudo.

A análise dos dados nos possibilitou, ainda, à compreensão do quanto é importante o envolvimento de instituições sociais no sentido de "inserir" a população surda na "era digital" e, com isto, ajudá-la no desenvolvimento das suas práticas de letramento digital.

Neste sentido, os dados mostraram que os alunos surdos aprenderam à manusear as tecnologias digitais "com a ajuda de pessoas na Lan house, que é um estabelecimento

ISSN 2447-9357

comercial em que as pessoas pagam para utilizar um computador com acesso à internet." (1), Outros disseram ter aprendido a usar a internet com os "familiares mesmos" (2), outros fizeram curso de informática no Centro Municipal de Atendimento à Diversidade "Maria Onilza Borges"- Cemad. "(2). O CEMAD fica localizado em Anápolis – GO e é uma instituição pública municipal que atende pessoas com deficiência ou necessidades educacionais.

Segundo informação dada pela Instituição por telefone, o CEMAD é instituição que tem como objetivo desenvolver no sujeito seus potenciais, permitindo a habilitação ou reabilitação com o intuito de integrá-lo no ambiente escolar, sua participação na sociedade e a aptidão para a sua independência. O CEMAD faz um trabalho com parceria com a escola da rede oficial de Anápolis. Em contrapartida, a análise dos dados nos possibilitou inferir que a escola não tem desempenhado seu papel frente às novas tecnologias digitais. Isto, porque, dos cinco sujeitos da pesquisa investigados, apenas um disse que recebeu algum tipo de treinamento ou capacitação da escola para usos do computador ou da internet.

Castells (1999), chama atenção da importância de todos os seguimentos da sociedade agirem no sentimento de atenuar as consequência provocadas pela chegada da "era da comunicação e informação", entre elas a exclusão digital. Segundo esse autor, caso isto não aconteça será alargada, mais ainda, a distância entre quem é, e quem não é, letrado digitalmente.

Ainda que reconheçamos o quanto o surgimento e desenvolvimento das tecnologias digitais têm trazido contribuições e benefícios para vários segmentos sociais, ainda assim podemos inferir que elas trazem também conseqüências e desafios sociais. Neste sentido, e em relação à população surda estudada, os dados revelaram que, segundo a visão dos alunos surdos, o desenvolvimento de práticas de letramento digital podem trazer-lhes benefícios e desafios.

Em relação aos benefícios da "era digital", os dados mostraram que, as práticas de letramento digital dos alunos surdos possibilitam: a) "Comunicação em redes sociais com familiares e amigos por meio de aplicativo"; b) "Aprender português (Libras), ver vídeos em Libras e conversar e responder chamadas vídeos, pois têm muitos amigos surdos facebook."; c) "Aprender mais e conhecer pessoas novas" d) "ajudar na comunicação com pessoas distantes e conhecer gente nova."; e) "aprender por meio do visual e mais rapidamente, inclusive com visão 3D" por meio do Whats App e do facebook"; bem como realizar "jogos por computador e pesquisa da escola" e assim" ter noticias de outros lugares e conhecer os animais e as cidades e estados.".

ISSN 2447-9357

Contraditoriamente, todos os sujeitos da pesquisa disseram que a pouca quantidade de aplicativos em libras na "rede" é o principal desafio enfrentado por eles, e isto os limita, em determinados momentos à "acessibilidade de vídeos, jogos, gramática" uma vez, boa parte do que está "net" se constitui de" textos escritos em português.".

A análise deste dado nos possibilitou inferir que a internet é um espaço social que se constitui contraditoriamente. Em determinados momentos ela propicia "meios" para que os internautas desenvolvam práticas de letramento digital. Por outro lado, ela é, também, um espaço que dificulta as práticas de letramento digital como pudemos identificar neste estudo que investigou alunos surdos.

Meneses (2013), em seus estudos sobre os benefícios e desafios trazidos às pessoas surdas em função da introdução da Internet na sociedade, tem chamado atenção no sentido de que a "rede mundial de computadores" e seus agregados (hipertextos, redes sociais, aplicativos, softwares etc.) tem contribuído para a atenuação da exclusão digital das pessoas surdas, ainda que nela existam muitas barreiras a serem vencidas por essa população.

CONCLUSÃO

Na busca pela resposta à pergunta: - Quais são os benefícios que os alunos surdos entendem que as suas práticas de letramento digital proporcionam: E, em relação aos desafios, quais são os que enfrentam nas suas práticas de letramento digital? concluímos que as práticas de letramento dos sujeitos investigados se desenvolvem num espaço de contradição onde coexistem tanto benefícios quanto desafios. Isto, porque, em relação aos benefícios da "era digital", os dados mostraram que, as práticas de letramento digital dos alunos surdos possibilitam benefícios, tas como: a) "Comunicação em redes sociais com familiares e amigos por meio de aplicativo"; b) "Aprender português (Libras), ver vídeos em Libras e conversar e responder chamadas vídeos, pois têm muitos amigos surdos facebook."; c) "Aprender mais e conhecer pessoas novas" d) "ajudar na comunicação com pessoas distantes e conhecer gente nova."; e) "aprender por meio do visual e mais rapidamente.

Contraditoriamente, os dados apontaram que a pouca quantidade de aplicativos em Libras na "rede" é o principal desafio enfrentado por eles, e isto os limita, em determinados momentos, à "acessibilidade de vídeos, jogos, gramática" uma vez, boa parte do que está "net" se constitui de" textos escritos em português."

Para a superação desta contradição, entendemos que devem ser intensificadas as políticas de letramento digital no Brasil, principalmente em dois aspectos: a) capacitação de todos os seguimentos da sociedade ligados, direta e indiretamente, à questão da população surda; b) maior investimento no setor de produção de tecnologias digitais, inclusive em

ISSN 2447-9357

softwares em libras.

REFERÊNCIAS

ANGULO, M. J.; ALBERTIN, A. L. **Portais ou labirintos?** 2000. Mimeografado.

BECKER, Maria. **Inclusão digital: o**s limites e desafios da tecnologia como fator de inclusão social e cidadania. Emancipação, Ponta Grossa, 8 (2), p. 49-57, 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (org.). **Letramento digital:** aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção linguagem e educação).

FREITAS, Gleice; TOSCHI, Mirza. **Conhecimento e cidadania no processo de inclusão digital de adolescentes surdos em Anápolis.** Pedagogia, PIBIC/CNPq/UEG, Campus Universitário de Ciências Sócio- Econômicas e humanas de Anápolis. Anápolis, 2015.

HEEMANN, Viviam. **Qualidade em sistemas de informação.** Florianópolis: UFSC, 1998.

KENSKI, Vani. M. **Educação e tecnologia:** o novo ritmo da informação. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

LUNA, Sérgio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa:** uma introdução. São Paulo: EDUCM, 1998.

MENESES, Soraya C. P. **Educação inclusiva, tecnológica assistiva: a**s redes sociais promovendo a comunicação de pessoas com surdez. Até que ponto exclui ou inclui? Aracaju: Criação, 2013.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico:** a pesquisa bibliográfica. Revista Katalysis, v. 10, p. 35-45, 2007.

PACHECO, Roberto; VIEIRA, Eleonora. **O enfoque cognitivo e o uso das tecnologias de informação em situação de limitação sensorial** (Cadernos EBAPE. BR). (V.2).2. 2004

PRESNKY, Marc. **Digital natives digital immigrantes.** University. Press, Vol. 9 n.5, Octuber de 2001. <Disponível em: http://www.marcprensky.com/writng/Prensky%20-20Digital%20natives20%Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf.>

RECUERO, R. **Um estudo do capital social gerado a partir das redes sociais no Orkut e nos weblogs.** Revista da famecos. Porto Alegre: EDIPUCRS, n.28, 2005.

SILVA, Ezequiel T. (org.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Marco (org.). **Educação online:** teoria, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2008.

SILVA, Elson Marcolino da. **Letramento digital e pressupostos teórico-pedagógicos:** neotecnicismo pedagógico? 2013. 197 f. il. Tese (Doutorado em educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita:* letramento na cibercultura. In: *Educação e Sociedade*, vol. 23, Campinas: n. 81, dez, 2002, p. 143-160 p.

TOSCHI, Mirza Seabra. Internet na educação: **a** escola como um espaço hibrido. In:

GALAN, Jose Gomez; Santos, Gilberto Lacerda. **Informática e telemática na educação.** Brasília: Líder, 2012, p. 195-217.

TRIVINÕS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VIEIRA, E. F. V. **Geoestrategicas de losespacion seconomicos:** el lugar-local y lagestión Del território enel sitio portuário- retroportuario de Rio Grande. 2000. Tese (Doutorado) Univesidade del Salvador, Buenos Aires, 2000.